

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 56 - ABRIL 2019



PRESIDENTE: ANTÔNIO MESSIAS RIOS BASTOS

Aprendizagem na labuta

A diversidade é um fator que dá força e resistência ao nordestino. Um povo que desde cedo aprende que somente com trabalho duro é possível superar as adversidades. Mesmo assim não esmorece e não deixa que os “perrengues” e preconceitos sejam obstáculos para avançar. Página 4



FUNCEF

Desvendando os números

Transparência, definitivamente, não é o forte da FUNCEF. Sobre as informações contábeis então... A direção da Fundação utilizou as redes sociais para divulgar, no início deste mês, o balanço anual de

2018, com o primeiro superávit desde 2010. O saldo positivo foi de R\$ 1,350 bilhão no período.

Com o resultado, os planos de benefícios administrados pela FUNCEF fecharam o ano de 2018 com déficit acumulado de R\$

5,2 bilhões, menor do que os R\$ 6,5 bilhões registrados em 2017.

Mesmo assim, não será possível reduzir os valores das contribuições extraordinárias, pagas hoje por participantes e assistidos do REG/REPLAN Saldado e

Não Saldado. Notícia que frustra os empregados.

O balanço

O resultado dos investimentos foi de R\$ 6,6 bilhões, com rentabilidade consolidada de 11,08% frente à meta de 8,09% (INPC + 4,5%). O superávit é resultado do bom momento dos investimentos estruturados, a exemplo dos FIPs Neo Energia (Belo Monte) e Barcelona.

Em 2018, a rentabilidade dos investimentos estruturados foi de 18%, operações com participantes (Credplan) ficou em 13,07%, renda variável chegou a 12,96%, e renda fixa chegou a 10,13%. A Fundação destacou o desempenho da Vale, que chegou a R\$ 1,47 bilhão.

Resolução 30

Esse não é o único problema na FUNCEF. Questionada sobre se vai implantar a resolução 30 do Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNPC), a diretoria da Fundação alegou que consultou a PREVIC para realizar um estudo. Uma medida desnecessária. O que parece é que quer ganhar tempo. Enquanto isso, participantes e assistidos têm de rebolar para conseguir viver com o orçamento reduzido.

Vale destacar que a situação poderia melhorar com a determinação do CNPC. A resolução possibilita que os fundos de pensão ampliem o período e o número de parcelas das contribuições extraordinárias, permitindo um alívio ao bolso dos participantes que teriam os descontos no contracheque menores. Mas, o empregado da Caixa parece não ser prioridade para a FUNCEF.



Recursos da União não precisam mais passar pela Caixa

Aos poucos, a Caixa vai perdendo a gestão de importantes iniciativas. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que autoriza deputados e senadores a transferirem recursos das chamadas "emendas individuais impositivas" para os cofres dos estados e municípios foi aprovada em dois turnos, pelo Senado Federal.

O orçamento para essas emendas é de R\$ 13,7 bilhões neste ano. Desse total, R\$ 9,2 bilhões vão para emendas individuais e R\$ 4,5 bilhões para as bancadas estaduais.

Na prática, a medida permite que a verba seja transferida sem assinatura de convênios. No caso da Caixa, o banco,



que tem uma equipe formada por arquitetos, engenheiros e advogados, responsáveis por gerir e fiscalizar os valores destinados a obras, vai deixar de ter o controle.

A representante dos empregados no Conselho de Administração do banco, Rita Serrano, ressalta que "mais uma vez o papel da Caixa é colocado em xeque".

Olho no resultado



Demorou quase quatro meses para a Caixa divulgar o resultado de 2018 e os números apresentados mostram encolhimento do principal banco público do país. O lucro líquido contábil foi de R\$ 10,4 bilhões em 12 meses, redução de 17,2% na comparação com 2017. Já o lucro líquido recorrente - que desconsidera o que os bancos denominam como "eventos extraordinários" - foi de R\$ 12,6 bilhões.

De acordo com os dados, o prejuízo no quarto trimestre de R\$ 1,1 bilhão é resultado do provisionamento adicional de R\$ 3,3 bilhões. Os dados apontam que a instituição segue um caminho preocupante, reduzindo a participação no mercado, o que prejudica sua atuação social.

A carteira de crédito, por exemplo, apresentou queda de 1,7%. O crédito comercial PF teve queda de 12,6% e o crédito comercial PJ,

redução de 18,8%. O crédito habitacional cresceu apenas 3%. Para efeitos de comparação, os bancos privados ampliaram o crédito em 2018. O Santander teve alta de 11%, Bradesco 7,8% e Itaú 6,1%.

A Caixa também encolheu o quadro de pessoal, atualmente em cerca de 84 mil. Em 2014, a empresa tinha 101 mil. No período, a Caixa fechou 19 agências e 9 postos

de atendimento bancário. As mudanças refletem no atendimento à população, cada vez mais deficitário.

Mesmo com a queda brusca no número de empregados, o resultado operacional cresceu 16,4%, ou seja, as metas estão sendo batidas. A instituição ainda reduziu a participação nas carteiras de certificados de depósitos bancários (menos 5,68%).



Medidas prejudiciais

O decreto 9.737 do governo tirou a Caixa do Conselho Curador do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço). Com a medida, o banco, gestor de sucesso de um dos maiores fundos de investimento social do mundo, passa a prestar apenas "suporte técnico".

A mudança agrada os bancos privados, de olho nos recursos do FGTS há muito tempo. Não é só isso. Importantes programas de saneamento básico, obras de infraestrutura e financiamento habitacional ficam comprometidos. Sem

dúvida, toda a nação perde.

Hoje, por exemplo, os recursos do fundo são repassados para programas sociais administrados pela instituição financeira. Os números dão a exata dimensão dessa importância. As obras financiadas em mais de 4 mil municípios geram cerca de 3,5 milhões de empregos todos os anos. E a cada 10 minutos, são realizados mil pagamentos. Assim, o FGTS atua como um dos principais agentes de desenvolvimento do Brasil, ajudando a movimentar a economia nacional.

PL acaba com efeitos de decreto do FGTS

Os empregados da Caixa ganham um importante apoio na Câmara. Seis deputados apresentaram um projeto legislativo que acaba com os efeitos do decreto 9.737, publicado em 26 de março e que tira o banco do Conselho Curador do FGTS.

A medida também reduz a participação dos trabalhadores na composição do conselho. Vale lembrar que o FGTS

atua como um dos principais agentes para o crescimento do país, dando acesso a uma rede de proteção ao emprego que gera recursos e movimentação o mercado interno.

Uma das parlamentares que assinam o projeto, a deputada Érika Kokay (PT/DF) destaca que tirar a Caixa do Conselho Curador é "um risco concreto de vermos esse importante instrumento de políticas públicas ser convertido em recursos a serviço do capital financeiro".

O texto ressalta ainda que a composição traçada pelo decreto indica o interesse do governo em repassar a operação dos recursos do FGTS à instituições privadas. Também assinam a matéria, os deputados Bohn Gass (PT/RS), Rogério Correia (PT/MG), Vicentinho (PT/SP), Carlos Veras (PT/PE) e Leonardo Monteiro (PT/MG).





O poder do Nordeste

Uma coisa ninguém pode negar: o nordestino é um povo batalhador e vencedor. Terra de grandes nomes como Jorge Amado, Caetano Veloso, Chico César, Glauber Rocha, Raul Seixas, Rachel de Queiroz, Nelson Rodrigues, Graciliano Ramos, Luiz Gonzaga e Ariano Suassuna, que levam o Brasil para todo o mundo. Muito diferente do que se pensa em outras partes do país, o nordestino está longe de corresponder às caricaturas preconceituosas, impostas ao longo de mais de cinco séculos.

Nem mesmo os anos de esquecimento são capazes de abalar a autoestima dessa gente batalhadora, que desde cedo tem de lidar com as adversidades da vida e aprender que somente com muito trabalho e disciplina é possível ven-



cer. Um povo que, gigante por natureza, enfrenta todos os tipos de discriminação sem perder a simplicidade. Como bem descreveu Euclides da Cunha, um forte que resiste a secas, fome, abandono e tantos outros problemas.

Ao contrário do que muitos pensam Brasil afora, o nordestino trabalha duro. Não é a toa que antes da recessão econômica, o crescimento da região era mais do que o triplo da média nacional. No mesmo período, o poder de compra chegou a R\$ 450 bilhões, valor correspondente à economia de países como Peru e República Checa.

Também no Nordeste, onde vive mais de um quarto da população brasileira, a classe média cresceu 20 pontos percentuais, alcançando 42% dos habitantes. Tudo isso não caiu do céu. É resultado de um povo que trabalha duro, mas que sabe levar a vida numa boa. Uma leveza que faz do Nordeste a região mais feliz do país, segundo o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

É por isso que a região é escolhida por milhões de pessoas de todo o mundo para passar as férias. Gente que busca um pouco dessa felicidade e desse bem estar nas cidades nordestinas.

Uma rica cultura

Berço da colonização de Portugal, o Nordeste foi o centro financeiro do Brasil até meados do século 18, tendo Salvador como a primeira capital do país e um importante centro econômico. Mas, o que sempre chamou atenção foi a rica cultura e a beleza natural de botar inveja. Sem falar na culinária, de temperos bem marcantes, como os tradicionais acarajés da Bahia de botar água na boca de qualquer um.

Na música, ritmos marcantes e variados, que dançam do forró ao axé, passando pelo rock, maracatu, baião, xaxado e samba de roda. As manifestações artísticas estão no artesanato, danças e músicas típicas.

